

Apropriação e usos para lazer no Parque Flamboyant em Goiânia (GO)

Appropriation and leisure uses in Flamboyant Park (Goiânia-GO)

Douglas Antônio Rocha Prado¹

RESUMO: Os parques públicos são importantes espaços destinados ao lazer nas grandes cidades. Apesar do grande número de parques existentes em Goiânia (Goiás), os mais estruturados estão localizados em bairros centrais, dificultando a apropriação da maioria da população por esse tipo de equipamento público. O Parque Flamboyant está entre os mais estruturados da cidade, passando, após sua implantação, a ser uma alternativa de lazer para parcela da população. Para compreender como se deu esse processo de apropriação e usos para lazer no parque, foi necessário fazer uma revisão teórica sobre lazer, verificar como ocorreu a implantação do parque, quais suas características e os diversos usos de lazer identificados durante a pesquisa de campo. Uma análise da forma e conteúdo do Parque e do perfil, usos e percepção dos entrevistados possibilitou desvendar um pouco mais sobre as dinâmicas sociais e político-econômicas que configuram e permeiam a cidade de Goiânia.

Palavras-chave: apropriação, usos de lazer, segregação, parque urbano.

ABSTRACT: Public parks are important places for leisure in big cities. Despite the large number of parks in Goiania (Goiás), the most structured are located in central areas, which difficults the population access to this type of public facility. The Flamboyant Park is among the most structured in the city, becoming a leisure alternative for a portion of the population. To understand how the appropriation process has occurred as well as its use for leisure activities, it was necessary to perform a theoretical review about leisure, to verify how the park implementation has occurred, which are its characteristics and the various recreational uses identified during the field research. An analysis of form and content of the Park and of the profile, use and perceptions of the respondents allowed uncovering a little more about the social and political dynamics that shape and permeate the city of Goiania.

Keywords: appropriation, leisure uses, segregation, urban park.

INTRODUÇÃO

A cidade de Goiânia oferece lugares públicos de lazer e os parques são um exemplo de como. (ver informação na página 6), eles têm proporcionado uma opção a mais de lazer para a população e também têm sido aproveitados pelos interesses imobiliários.. A escolha do Parque Flamboyant como objeto de estudo torna-se relevante não apenas por ter poucos estudos sobre o tema (ACHCAR, 2008; PERES; BARBOSA, 2010), mas também pela importância que conquistou na dinâmica socioespacial da cidade. Se entendermos lazer como uma dimensão da cultura na qual se buscam o divertimento e a realização

¹ Graduação em Gestão Turística, Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás.

pessoal, visto tanto como tempo de recuperação psicossocial voltado ao trabalho, quanto o tempo privilegiado para consumo, o tema ganha relevância por tratar de questões tão presentes na sociedade. Outro fator a ser considerado é o processo de segregação no acesso às opções de lazer na cidade. Se as classes privilegiadas têm um leque maior de opções de lazer, os mais pobres devem se contentar com o entretenimento de massa (televisão) ou com a prática de atividades alternativas de lazer.

De que maneira o Parque Flamboyant foi apropriado como espaço de lazer por parcela da população goianiense? Apesar de o Parque Flamboyant ser de difícil acesso para a maioria da população goianiense, ele proporcionou uma alternativa de convivência, saúde, esporte e lazer para parcela da população. Dessa forma, contribui para a sociabilidade e a melhoria de qualidade de vida dos frequentadores, através da prática de atividades físicas, e possibilidades de contemplação, de encontro com a família e amigos..

Espera-se com este artigo contribuir para o entendimento sobre a apropriação do Parque Flamboyant por parte da população goianiense, no que diz respeito aos usos para lazer, desvendando um pouco mais sobre os sujeitos desta cidade. Esses sujeitos são capazes de revelar, através de suas falas e suas práticas de lazer, as ideologias, as contradições da cidade e os processos sociais resultantes das formas sociais, além de outros aspectos políticos e culturais.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizaram-se pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. A pesquisa de campo compreendeu várias etapas iniciadas pelas entrevistas com a chefia de Divisão de Estudos e Caracterização de Unidades de Conservação da AMMA e com o gerente do Parque Flamboyant. Também nesta etapa efetuaram-se conversas informais com os guardas e auxiliares de serviços gerais do Parque e a observação em campo com registros fotográficos. Na etapa seguinte procederam-se as entrevistas com 48 frequentadores do Parque, em dias e horários variados entre 18 de junho de 2011 e 29 de junho de 2011, com perguntas objetivas e subjetivas, feitas de acordo com questionário estruturado.

APROPRIAÇÃO E USOS PARA LAZER

A discussão sobre o lazer ainda é muito recente. Tradicionalmente estudada pela sociologia, tem ganhado espaço em outras áreas, por se tratar de um tema cada vez mais em evidência em nossa sociedade, seja pela mudança cultural em que se valoriza mais o lúdico, seja pela crescente indústria do entretenimento. Para Mascarenhas (2004) e

Rolim (1989), o lazer teria surgido na sociedade industrial. Apesar de esta ser uma forte corrente entre os pesquisadores da área, tem-se conhecimento de algumas concepções de lazer nos tempos antigos.

Para os gregos antigos, o lazer era visto como um privilégio pois por intermédio da libertação do trabalho a pessoa poderia contemplar as “ideias eternas”, no momento da ociosidade ela podia refletir sobre questões filosóficas, culturais e políticas. Assim como os antigos gregos, os romanos consideravam o lazer como sinônimo do ócio, do não trabalho. Após a revolução industrial, os trabalhadores conquistaram direitos, tais como as folgas semanais, as férias e a aposentadoria, dando forma ao lazer como conhecemos hoje. A partir de então o lazer, passou a ser incorporado pelas massas, originando uma crescente indústria do entretenimento. Muitas pessoas praticam atividades de lazer sem saber que o estão fazendo. Para alguns, lazer é sinônimo de diversão, para outros de descanso, de tempo livre. Afinal, qual seria o conceito de lazer? O fato é que não há consenso entre os estudiosos que se debruçam sobre o tema, apenas linhas teóricas desenvolvidas por áreas do conhecimento como a Sociologia, a Psicologia, a Educação Física e o Turismo.

Apesar de não haver consenso sobre a definição de lazer, há duas principais vertentes teóricas sobre o assunto. A primeira envolve o aspecto sociológico que considera o lazer como atividades desenvolvidas no tempo livre das obrigações. Para Dumazedier

[...] o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2000, p. 34):

Surge aqui a dualidade lazer/trabalho, na qual não pode haver lazer se a pessoa não se sentir livre do trabalho ou das obrigações. Dumazedier (2000) defende que o lazer possui três funções mais importantes: a) a função de descanso; b) a função de divertimento, recreação e entretenimento; e c) a função de desenvolvimento.

Dividir o lazer em três funções não significa que as atividades de lazer devam necessariamente estar relacionadas a uma ou outra função. Por exemplo, o indivíduo ao ler um livro em seu tempo livre pode estar descansando, se divertindo e se desenvolvendo, tudo isto ao mesmo tempo.

Andrade (2001) é outro autor que trata o lazer como atividade praticada no tempo livre do trabalho. Para ele o lazer pode ser considerado

[...] um conjunto de fatos e circunstâncias que, por sua natureza, apresentam-se como isentos das pressões e das tensões que, com certa frequência, podem afetar as atividades humanas individuais e grupais compulsivas opcionais (ANDRADE, 2001, p. 21).

Porém, o trabalho jamais se transforma em autêntico lazer, mesmo que seja prazeroso e interessante. Apesar de definir o lazer com base na dicotomia trabalho/lazer, Andrade (2001, p. 43) acredita que essas duas dimensões não se repelem, antes, complementam-se, a fim de enriquecer o sentido da própria vida. Uma vida com sentido seria aquela em que o indivíduo tivesse tempo para o trabalho, em que pudesse alcançar objetivos graças a seus esforços coordenados, e tempo para o lazer, em que pudesse se dedicar a atividades que contribuíssem para sua realização social e pessoal.

A segunda vertente teórica, que envolve o aspecto psicológico, é a que considera o lazer como um estilo de comportamento, como cultura, atitude que independe de um tempo determinado. Para Marcellino (1999) e Gomes (2008), o lazer é concebido como cultura vivenciada no tempo disponível. O lazer deixa, dessa forma, de ser visto como mero conjunto de atividades opostas ao trabalho, passando a ser entendido como produção humana, possuindo, assim, uma dimensão simbólica. Para Gomes (2008, p. 4), “o lazer participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade, é um dos fios tecidos na rede humana de significados, símbolos e significações”. Nesse sentido, o lazer está interligado às outras dimensões da vida humana, como o trabalho, a religiosidade, as relações sociais, influenciando e sendo influenciado por elas.

Estes autores não tratam o lazer do ponto de vista da dualidade lazer *versus* trabalho, mas através da integração e interação desses elementos. Para Marcellino (2001, p. 28), “o lazer não pode ser considerado isoladamente como única fonte de realização humana numa sociedade cada vez mais desumana”. Sendo assim, não é possível tratar separadamente lazer e trabalho, pois através da interligação dos dois, um e outro adquirem significado. Não faz sentido mais viver para trabalhar ou viver do trabalho dos outros apenas. O trabalho ganha relevância na medida em que traz um senso de realização pessoa, que aliada à realização propiciada por momentos relevantes de lazer produz sentido à vida.

Gomes (2008) afirma que a compreensão do lazer envolve quatro elementos inter-relacionados: o tempo, espaço/lugar, as manifestações culturais e a atitude. Marcellino (2007) também ressalta a importância dos elementos “tempo” e “espaço” para a democratização do lazer. Em um estudo sobre os espaços e equipamentos de lazer na Região Metropolitana de Campinas, este autor afirma que “democratizar o lazer implica [...] democratizar o espaço [...] é necessário, antes de tudo, que ao tempo disponível corresponda um espaço disponível” (MARCELLINO, 2007, p. 16). Nas metrópoles brasileiras, alguns dos elementos mais escassos não só para o lazer, mas para a vida como um todo, são o tempo e o espaço.

Outros elementos importantes para uma compreensão mais ampla do lazer são as “manifestações culturais” e a “atitude”. Esses elementos estão relacionados às práticas cotidianas e às representações dos sujeitos que as vivencia. Refere Gomes:

[...] O lazer representa um fenômeno sociocultural que se manifesta em diferentes contextos (histórico, social, político, etc) de acordo com os sentidos/significados que são produzidos e reproduzidos por meio de relações dialéticas dos sujeitos nas suas relações com o mundo (GOMES, 2008, p. 5).

Ao se observar que tipo de atividades de lazer as pessoas desenvolvem e o que essas práticas significam para elas, pode-se compreender esse aspecto intangível, simbólico do lazer. Assim explica Dumazedier:

[...] A cultura vivida, em certos aspectos, é o modo como uma sociedade ou um indivíduo se comportam e é no estudo desse processo que se poderá reencontrar os modelos, a representação e os valores que formam as camadas do campo cultural. Essas camadas ligam-se aos tipos de conhecimento prático, técnico, artístico e filosófico (DUMAZEDIER, 2000, p. 143).

Os modelos, as representações e os valores da sociedade são manifestos nas atitudes dos indivíduos, já que a prática é originada de uma determinada concepção, conhecimento ou ideologia. Assim como a arte expressa a cultura do artista, as práticas expressam os valores culturais que as inspiram. O lazer passa, dessa forma, a ser a expressão de uma cultura, que, se analisada pelas práticas de lazer, pode revelar aspectos de outras dimensões da vida humana.

Para uma análise da apropriação do Parque Flamboyant por parte da população goianiense, deve-se levar em conta o significado que o Parque adquiriu para seus visitantes e frequentadores. Nessa perspectiva, os diversos usos observados no Parque Flamboyant demonstram a relação homem-meio e o significado que essa relação imprime na identidade do indivíduo.

Além dos elementos sociais para o estudo da apropriação do parque e usos para lazer, também é importante levar em consideração os aspectos históricos, sociais e políticos, já que o lazer está inter-relacionado com outros aspectos da vida humana. Esses aspectos possibilitam ao pesquisador uma análise mais ampla do seu objeto de pesquisa, permitindo-o perceber o que está por trás das ações do cotidiano.

Entender o lazer apenas como um fragmento insignificante da vida cotidiana é limitar a possibilidade de compreensão mais ampla da sociedade, deixando de lado questões importantes que envolvem o lazer, tais como a cultura, a identidade, a história, aspectos históricos, sociais e políticos, a saúde e a qualidade de vida. Por se tratar de uma

área ainda pouco estudada, o presente artigo pode contribuir para uma compreensão teórica acerca do lazer na cidade.

APROPRIAÇÃO E USOS PARA LAZER NO PARQUE

Um parque urbano pode ser visto de outras perspectivas. É possível ele ser tomado como um espaço de preservação ambiental, um lugar de convívio, de sociabilidade, um atrativo turístico, um espaço de segregação, de especulação imobiliária, ou sob inúmeros outros olhares do ponto de vista econômico, social, político e biológico.

Pensar em um parque sob a perspectiva do lazer não exclui outras abordagens, uma vez que a busca pela totalidade, pelo complexo, pelo urbano, parte dos múltiplos recortes estudados pelas ciências parcelares, conforme destaca Lefebvre (1999, p. 53), ao dizer que “o fenômeno urbano se apresenta, desse modo, como realidade global (ou, se se quer assim falar: total) implicando o conjunto da prática social”. Assim, para esta análise do Parque Flamboyant como espaço de lazer, devem-se levar em conta outros aspectos, apesar de não se deter neles.

Apesar de ter sido planejada para ser uma cidade com muitas áreas verdes, no decorrer dos anos, Goiânia ganhou novos loteamentos em torno do seu Plano Original, de forma que áreas públicas foram invadidas pela população, a reboque de agentes imobiliários ou não, levando à degradação de vários dos espaços destinados ao lazer e proteção ambiental, contidos no plano original.

A partir de 2005, o governo do prefeito Iris Resende Machado implantou parques com vistas a confirmar o discurso de que Goiânia é a capital mais verde do país, a mais arborizada e com melhor qualidade de vida. Essa imagem de valorização do “verde” na cidade não é recente, uma vez que desde a fundação da cidade vem sendo pregada. De acordo com a AMMA (2010), Goiânia conta hoje com 209 Unidades de Conservação (UC), com área total geral de 17.177.193,74 m². Desse total de UC, 30 são consideradas (em março de 2012) pela Prefeitura como Parques, entendidos como “área verde, com função ecológica, estética e de lazer, no entanto com uma extensão maior que as praças e jardins públicos (LIMA, 1994 apud LOBODA; DE ANGELIS, 2005).

Apesar da melhoria na distribuição espacial, a estrutura dos parques de áreas centrais da cidade é bem melhor que a de bairros periféricos, dispondo de mais equipamentos de lazer e mais investimentos por parte do poder público. Tomemos por exemplo o Parque Sabiá (Figura 1), localizado entre a Alameda dos Rouxinóis, Ruas Sabiá

e Nossa Senhora do Carmo no Parque das Laranjeiras, bairro da Região Sudeste da cidade. Inaugurado em junho de 2007, o Parque possui uma área de 32.11,27 m² (AMMA, 2010).

Figura 1 – Parque Sabiá: equipamentos e conservação.



Fonte: O autor (4 jun. 2012).

Outro exemplo é o Parque Carmo Bernardes (Figura 2), localizado entre a Rua 105, Rua 29, Rua 205 e Avenida Parque Atheneu no Parque Atheneu e Jardim Mariliza, Região Sudeste da cidade.

Figura 2 – Parque Carmo Bernardes - Goiânia.



Fonte: O autor (4 jun. 2012).

Em um momento da supervalorização imobiliária, os parques na cidade de Goiânia despontam como elementos que agregam valor. Apesar de não se perceber nestes dois exemplos de parques localizados em bairros periféricos, eles têm se tornado um grande investimento uma vez que o terreno a seu redor vira alvo de construtoras que utilizam os parques como um atrativo para seus clientes, vendendo vista privilegiada e “qualidade de vida”. Neste contexto foi inaugurado em 15 de setembro de 2007 no Jardim Goiás, área nobre da cidade, o Parque Flamboyant. Segundo o poder público, esse espaço é destinado ao lazer e à preservação ambiental.

Junto com o discurso da preservação ambiental, do lazer e da melhoria de qualidade de vida para a população houve um crescente aumento de interesse de construtoras pelas terras ao redor do Parque, antes desvalorizadas e pouco habitadas. Esse crescimento pode ser notado diante do número de novos empreendimentos imobiliários que

chegaram à região do Parque. De 2001 a 2005, o número de contribuintes residentes em prédios no Jardim Goiás cresceu 58%. Em 2001 eram 2.376 contribuintes que pagaram IPTU, e em 2005, 3.752 contribuintes, conforme publicado pelo jornal *Diário da Manhã*, em sua edição de 14 de novembro de 2005.

As terras ao redor do parque tornaram-se supervalorizadas e o crescimento vertical foi vertiginoso, com a venda do conceito de “qualidade de vida” e “paisagem” como verdadeiros produtos em virtude da proximidade ao Parque. Quanto melhor a vista do Parque, maior o preço dos apartamentos, se constituindo um verdadeiro cinturão, onde a classe de mais alta renda da sociedade pode usufruir deste espaço público como se fosse seu próprio jardim.

O Parque Flamboyant localiza-se no setor Jardim Goiás, entre as ruas 46, 15, 12, 55, 56, 73, 58 e Avenida H. Possui área de 125.572,71 m² e 1.937,53 m de perímetro. e está próximo de empreendimentos como o Shopping Flamboyant, Supermercado Carrefour Sul, Supermercado Wal-Mart, Estádio Serra Dourada, McDonald's, Home Center Tend Tudo, dentre outros. Esses empreendimentos contribuíram para a formação de uma centralidade no Setor em virtude de sua capacidade aglutinadora de pessoas.

A chegada de grandes empreendimentos imobiliários demonstra o impacto que o Parque Flamboyant tem gerado desde o início de sua implantação na dinâmica socioespacial e econômica da região do Jardim Goiás. De acordo com dados do *Anuário Estatístico de Goiânia*, no Jardim Goiás há 1.122 imóveis prediais, 871 imóveis territoriais distribuídos em suas 133 quadras, com 1.543.243 m² de área de terreno predial e 796.468 m² de área de terreno territorial. Atualmente, o Jardim Goiás é um dos setores mais valorizados da cidade, tendo o entorno do Parque como um dos principais filões imobiliários da cidade.

Até 2006, a área do Parque continha algumas edificações pertencentes ao Antigo Automóvel Clube de Goiás: duas quadras de futebol, uma piscina de adulto, uma piscina infantil. Após a implantação do parque em 2007, a área passou a contar com os seguintes equipamentos (Figura 3): pórticos de acesso, pista de bicicleta, pista de caminhada, caminhos internos, estações de convivência, sede administrativa, núcleo ambiental, espaço cultural e atividades esportivas, estacionamentos para carro e ônibus, estares contemplativos com pergolados e mirante, belvedere, pontes, fonte contemplativa, bica d'água, mobiliários urbanos (bancos, bebedouros, telefones públicos, coletores de lixo, estacionamento para bicicleta), parque infantil e iluminação (externa e interna). O parque conta com quatro agentes da Guarda Municipal no período diurno e quatro agentes no período noturno. Além deles o Parque também conta com dez funcionários para serviços

gerais e mais o gerente do Parque. Ainda referente à infraestrutura, existem cinco espaços reservados para ambulantes móveis, que vendem água mineral, água de coco, e lanches variados. Com estes equipamentos, o Parque Flamboyant passou a ser um dos mais bem-estruturados da cidade, com ampla área de lazer para uso da comunidade.

Figura 3 – Equipamentos do Parque Flamboyant.



Fonte: O autor (1º set. 2010).

Crianças correndo, jogando futebol, brincando no parque infantil. Jovens e adultos caminhando, correndo, andando de bicicleta, de patins, de *skate*. Piqueniques, encontro de amigos, um bate-papo em frente ao lago. Alguns apenas passando, como as torcidas que caminham em direção ao vizinho Serra Dourada, outros ficando horas e horas desfrutando do parque, outros estudando, ou namorando, trabalhando, dormindo, descansando ou simplesmente dando uma pausa para o almoço. Pausa e correria, silêncio e barulho, ordem e desordem, tudo isso são apenas algumas das situações vivenciadas pelos visitantes e frequentadores cotidianos no Parque Flamboyant, lugar de encontro de pessoas de diversas classes sociais, faixa etária e níveis de escolaridade, vindas de diversas regiões da cidade. Estes são apenas alguns elementos visíveis que expressam o cotidiano de parcela da população goianiense que utiliza o Parque Flamboyant como um espaço de lazer.

É importante ressaltar que não é o espaço que produz as diferenças, e sim os sujeitos que moldam esses espaços. As práticas cotidianas verificadas no Parque Flamboyant revelam os valores de uma sociedade que manifesta, em suas formas, sua visão de mundo. O Parque poderia, portanto, ser um lugar criado para satisfazer uma demanda da sociedade que valoriza a prática de atividades físicas e a exaltação do verde. Lefebvre (1999, p. 129), fazendo uma crítica acerca da vida cotidiana, afirma:

[...] É certo que ela não abarca o conjunto da práxis da época industrial, mas dela retém resultados essenciais. Essa época teve o seguinte resultado: a constituição de uma cotidianidade, lugar social de uma exploração refinada e de uma passividade cuidadosamente controlada (Lefebvre, 1999, p. 129).

Seria a vida cotidiana expressa no Parque Flamboyant apenas um reflexo de uma exploração refinada e de uma passividade controlada? Seria o parque um lugar onde há a manifestação de práticas que expressam a liberdade e a autonomia dos indivíduos perante uma sociedade controladora? Estas são algumas questões que servem de guia para a análise da apropriação do Parque Flamboyant por parcela da população goianiense.

Foram realizadas visitas em campo em setembro de 2010 (dezesseis horas de permanência no Parque, divididas entre os períodos matutino e vespertino), em dezembro desse mesmo ano (quatro horas de permanência no parque, no período noturno) e em junho de 2011 (trinta e seis horas de permanência no parque, divididas entre os períodos matutino, vespertino e noturno), a fim de identificar, descrever e analisar como a população se apropria do Parque Flamboyant.

Nos dias úteis, notou-se que existe maior concentração de pessoas no início da manhã, no horário do almoço e no final da tarde. Nos demais horários, o parque é pouco frequentado. Uma situação interessante foi a de flagrar operários das obras do entorno utilizando o parque como refeitório e local para descanso. Os frequentadores do meio de semana são principalmente aqueles que moram nos arredores. Não seria correto dizer que o parque perde valor nos momentos em que está sendo pouco frequentado. Isso porque, o fato de existir já o torna objeto de especulação imobiliária, uma vez que sua vista é vendida e sua proximidade valorizada.

Nas visitas realizadas nos finais de semana e feriados notou-se que o número de pessoas é bem maior que no meio da semana e são variados os bairros onde os entrevistados residem e as práticas de lazer. Juntamente com o aumento do número de pessoas, cresceu o número de vendedores ambulantes no entorno do parque, ofertando produtos como pipoca, algodão doce, refrigerantes, batata frita. No período da tarde predominam as famílias e os grupos de amigos, sendo a caminhada e os piqueniques as principais atividades identificadas. Já no início da noite, notou-se uma maior aglomeração de

jovens cantando e conversando. Percebeu-se que ao escurecer a maioria das pessoas que moram mais afastadas do Parque vai embora ao mesmo tempo em que chegavam as que moram próximo ao Parque.

Essas observações em campo foram bastante úteis, mas para descobrir o perfil, o deslocamento, a frequência, os usos e as representações das pessoas que utilizam o Parque Flamboyant, foi necessária outra etapa de trabalho de campo, a realização de entrevistas. Realizaram-se 48 entrevistas em dias e horários variados no mês de junho de 2011, ocasião em que foram feitas perguntas objetivas e subjetivas. O critério para definição da quantidade de entrevistados foi o de coletar dados necessários e consistentes para uma análise com enfoque qualitativo que representasse a diversidade dos públicos que se apropriam do Parque Flamboyant.

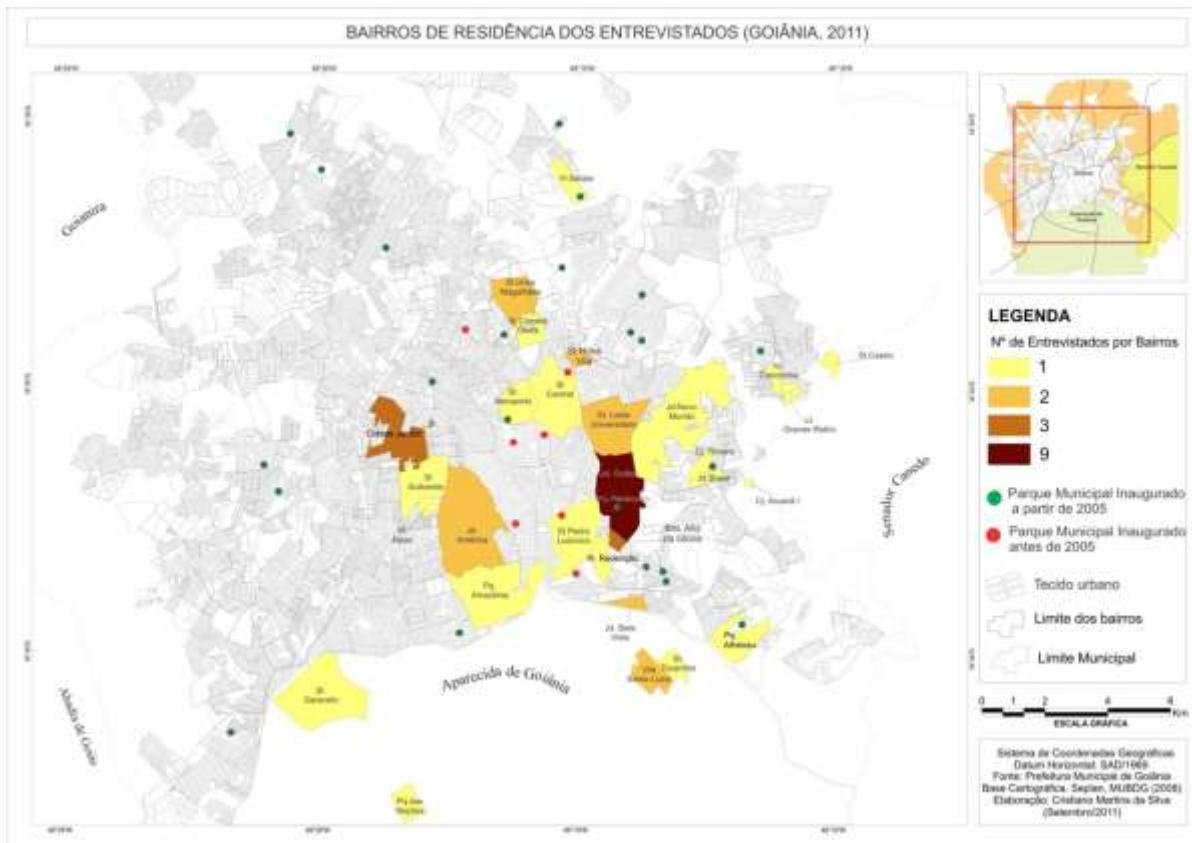
Basicamente foram identificados dois tipos de usuários do parque: os frequentadores e os visitantes. Considera-se que os visitantes (42% dos entrevistados) são aqueles que vão ao parque esporadicamente (27%) ou pela primeira vez (15%). Os frequentadores (58% dos entrevistados) são aqueles que vão ao parque com regularidade, uma a três vezes por mês (17%), nos finais de semana e feriados (21%), uma ou mais vezes por semana (20%). Neste contexto os frequentadores seriam aqueles que se apropriam do Parque, ao passo que os visitantes são aqueles que o usam.

Através da pesquisa foram levantadas informações sobre o gênero, faixa etária, nível de escolaridade, carga horária de trabalho semanal, profissões, renda média familiar, naturalidade e tempo de residência na cidade de Goiânia.

Quanto à residência dos entrevistados, foram identificados 31 bairros, o que demonstra a heterogeneidade da origem desses visitantes/frequentadores. A Figura 4 dá uma visão geral da localização dos bairros de residência dos entrevistados.

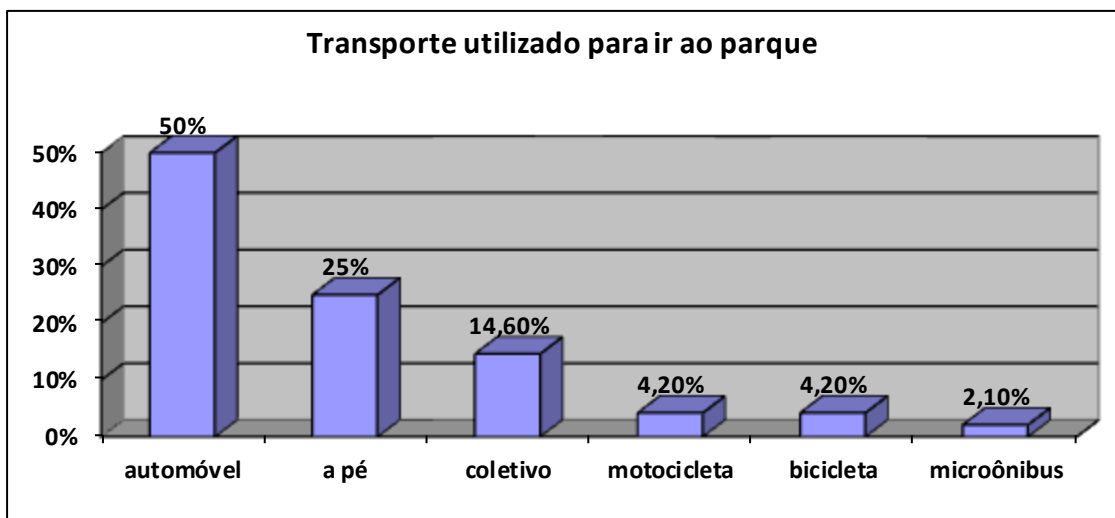
Destaca-se a diversidade dos bairros dos entrevistados, vindos de várias partes da cidade, e até dos municípios de Aparecida de Goiânia e de Senador Canedo. Nota-se também que a maioria dos entrevistados reside nas regiões da cidade onde se concentra o maior número de parques. Pelo fato de os bairros de residência dos entrevistados estarem tão dispersos geograficamente, conclui-se que o fator limitante para a visita ao parque não é a distância e sim o transporte utilizado e conseqüentemente, o tempo gasto no deslocamento (Figuras 5 e 6).

Figura 4 – Mapa: bairros de residência dos entrevistados.

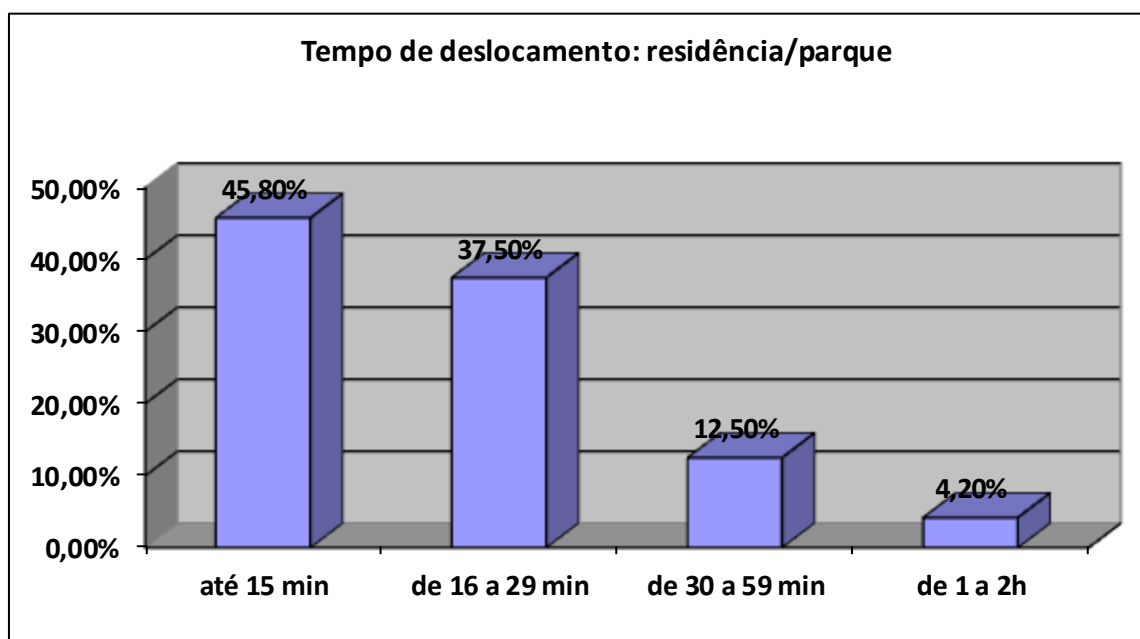


Fonte: Elaboração Cristiano Martins da Silva (set. 2011)

Figura 5 – Tipo de transporte utilizado para acesso ao Parque.



Fonte: Entrevistas/ autor.

Figura 6 – Tempo de deslocamento entre a residência e o Parque.

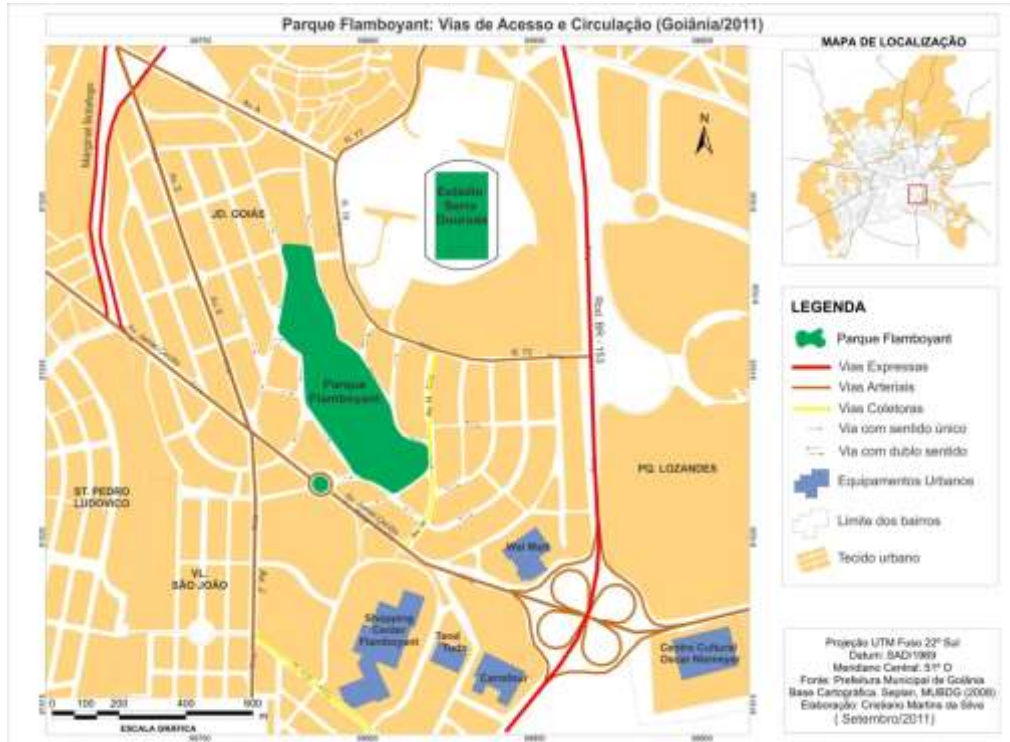
Fonte: Entrevistas/ autor.

Outro aspecto a ser destacado é que nenhuma via de grande circulação margeia o Parque Flamboyant, como é o caso de outros parques tradicionais da cidade. A Figura 7 mostra o desenho das vias de acesso e circulação próximas ao parque. Percebe-se que as vias expressas (BR-153 e Marginal Botafogo) estão mais distantes do parque (aproximadamente cinco quadras do parque). A duas quadras do parque localiza-se a Avenida E e a uma quadra do parque, as vias arteriais Rua 72 e Avenida Jamel Cecílio. A via coletora Avenida H é a de maior fluxo de veículos que margeia o parque. Ainda que não haja vias expressas e vias arteriais margeando o parque, o acesso a estas vias é relativamente fácil para quem vai ao parque de veículo individual. Já para quem depende do transporte coletivo para se locomover, o parque é de fácil acesso pois existem várias linhas de transporte que alimentam a região, mas de difícil visibilidade porque são poucas linhas de ônibus que passam às margens do parque. A maioria das pessoas que passa pela região usando o transporte coletivo, sequer vê o parque, despercebido por trás da “muralha” de edifícios que o cerca, sobretudo nas quadras localizadas entre o parque e a Avenida Jamel Cecílio.

Apesar de estar próximo de equipamentos que juntos atraem um número maior de pessoas, como o Estádio Serra Dourada, Shopping Flamboyant, Tend Tudo, Carrefour, Wall Mart e Centro Cultural Oscar Niemeyer, o parque não é tão notado pelos usuários de transporte público quanto estes equipamentos. Isso se comprova pelo fato de apenas 14,6 % dos entrevistados usarem transporte coletivo para irem ao parque. A impressão é a de

que o parque “pertence” a uns poucos privilegiados que moram próximo, ou que possuem transporte individual, mais rápido e prático do que o transporte público se considerarmos o todo da população goianiense.

Figura 7 – Mapa Parque Flamboyant: vias de acesso e circulação.



Fonte: Cristiano Martins da Silva (set. 2011)

Dos que foram no parque a pé, 8,3% possuem renda familiar de até dois salários mínimos, 25% de três a cinco salários, 35% de seis a nove salários, 25% de dez a vinte salários, 8,3% acima de vinte salários, e 8,3% não quiseram informar a renda. Nota-se que, percentualmente, a renda média familiar dos entrevistados que vão ao parque a pé é maior que a renda média familiar de todos os entrevistados. Ainda em relação aos que vão ao parque a pé, 16,7% podem ser classificados como visitantes, logo, 83,3% são frequentadores. Vê-se que o percentual de frequentadores (83,3%) dessa amostra (que vão ao parque a pé) é bem maior que o percentual de frequentadores (58%) de todos os entrevistados. Dessa forma, podemos concluir que aqueles entrevistados que vão ao parque a pé possuem uma renda média familiar maior e vão ao parque com mais frequência que a maioria.

O perfil do deslocamento dos entrevistados e a localização do parque suscitam algumas reflexões acerca de como a forma (visível) pode revelar o conteúdo (invisível) que deu origem e/ou se originou da forma. A localização do parque e a dificuldade de visualização e acesso aos usuários do transporte coletivo podem revelar o “público-alvo”

para o qual o público foi criado e para quem ele não foi criado. Quem depende do transporte público gasta mais tempo no deslocamento ao parque e, conseqüentemente, o frequenta menos. Daí pensar que a forma como o parque foi planejado e sua localização excluem boa parte da população, a que raras vezes visita o parque.

Apesar deste aspecto segregador nota-se a sua contribuição como uma opção a mais de lazer para parcela da população. Neste sentido foram identificadas diversas atividades de lazer praticadas no parque: piqueniques, grupos de amigos tocando violão ou apenas conversando, ciclismo, skatismo, patinação, caminhadas, crianças no parquinho infantil, ginástica, ioga, namoro, futebol, voleibol, peteca, jogos de carta, teatro. Também se ouve música eletrônica, veem-se apresentações artísticas e culturais, a contemplação, o descanso e a leitura.

Nas entrevistas, dentre as atividades de lazer praticadas no parque, se destacaram a caminhada/corrida (56,3%), trazer as crianças para o parque infantil (22,9%), piquenique (20,8%), contemplação (14,6%), ciclismo (12,5%), descanso (12,5%), conversar (10,4%), namorar (8,3%), passear com cachorro (6,3%), cantar com amigos (4,2%), ginástica (4,2%), outras atividades (18,8%).

Assim como há variedade no público entrevistado, existe também variedade nas atividades de lazer praticadas no parque. Estes usos do parque revelam um pouco dos valores que regem a vida dessas pessoas, e que representam os valores pregados, ou não, pela sociedade.

Foram identificados alguns comportamentos que chamaram a atenção, pelo fato de transgredirem as regras, o normal, o desejado, o planejado. Crianças brincam às margens do lago, famílias circulam tranquilamente em uma zona que possui barreiras de isolamento e placas informativas que transmitem a seguinte informação: “É proibida a permanência e circulação de pedestres entre os Lagos do Belvedere e da Mata. Se houver algo irregular, avise imediatamente a ADMINISTRAÇÃO ou a SEGURANÇA”. Cada espaço no parque foi planejado para determinada função, de acordo com determinada ordem, mas o que verificamos é que os usos nem sempre seguem o planejado.

Outra situação identificada foi a de pedestres caminhando na pista destinada exclusivamente para bicicletas. A placa que normatiza o uso da pista de ciclismo e da pista de caminhada traz consigo, logo abaixo das orientações, a frase que diz: “Respeite os espaços, suas funções e seus usuários”.

Outras situações transgressoras às regras foram identificadas na observação em campo, em pesquisa documental (jornais) e em entrevistas com os funcionários do Parque Flamboyant. Elas são desde como ciclistas circulando na grama, donos de animais

domésticos que não catam as fezes de seus bichos de estimação, comércio informal em lugares não autorizados para este fim, pessoas jogando lixo no chão, depredando placas de sinalização, alimentando os peixes e até mesmo pescando no lago. De Certeau (2007, p. 40) trata essas “transgressões” às regras como o uso que as culturas populares fazem da cultura imposta pela elite. Apesar delas interferirem no uso comum a ser apropriado por todos.

Dessa forma o cotidiano é reinventado por seus praticantes, que possuem comportamentos muitas vezes diferentes dos esperados pelos planejadores. Lefebvre (1991) acredita que o cotidiano é mais complexo do que aparenta ser (LEFEBVRE, 1991, p. 23). Os comportamentos “transgressores” identificados nas práticas cotidianas dos usuários do Parque Flamboyant ilustram a ideia defendida por De Certeau (2007) e Lefebvre (1991) acerca da complexidade e imprevisibilidade do cotidiano. Seriam esses comportamentos manifestações da “cultura popular” modificando o que é pregado pela “cultura da elite”? Será que no caso do Parque Flamboyant, onde há uma heterogeneidade de classes sociais, esta tese de De Certeau se sustentaria? Estaria Lefebvre (1999) indo além, ao instigar os pesquisadores acerca da necessidade de se buscar a totalidade, altamente complexa, do real?

Estas questões foram levantadas porque trazem à tona a necessidade de se olhar para um objeto de pesquisa, como as práticas de lazer em um parque urbano, de forma mais crítica, sabendo que estas práticas identificadas e analisadas podem gerar complexas e ricas discussões teóricas que não se aplicam apenas a um caso isolado, mas que podem estar relacionadas a um contexto maior do que a aparente simplicidade do cotidiano.

Perguntados sobre o porquê escolheram visitar/frequentar o Parque Flamboyant, muitos dos entrevistados disseram que a escolha como opção de lazer deveu-se à beleza do lugar, à paisagem, ao verde, à natureza, à tranquilidade, à segurança, à proximidade com suas casas, ao fácil acesso e ao fato de ser um parque grande e espaçoso. Também foram citados: trânsito tranquilo ao redor, estrutura da pista de caminhada, pela qualidade de vida que o parque oferece, pelo aconchego e pela liberdade. Alguns entrevistados disseram buscar no parque uma fuga do estresse e da agitação do dia a dia. Sobre isto, uma mulher afirma: "o dia a dia da gente é muito tumultuado, muito cansado; a gente precisa do verde, precisa da água, precisa da natureza. Eu creio que isso foi uma ideia maravilhosa e espero que tenha outros". Um senhor aposentado testemunhou:

[...] Isso aqui acaba com o estresse. A gente chega aqui estressado, principalmente pessoas da minha idade, velho, porque o que mais está matando os velhos é o *stress* [...] se o idoso fica estressado, ele morre logo. A gente chega aqui estressado, e arruma uma pessoa como você para

conversar, bater um papo ou dar entrevista, o *stress* vai embora (FONTE: entrevistado A, 2011)

Sobre a importância do Parque Flamboyant para a cidade de Goiânia, a maioria dos entrevistados considera um lugar importante para a cidade por ser uma área verde, preservando os recursos naturais, contribuindo para a arborização da cidade e permitindo o contato das pessoas com a natureza, com o ar puro. Em também por se tratar de uma opção de lazer, local onde as pessoas podem descansar, passear com a família, um lugar de encontro, de tranquilidade, de sair da rotina. Outras respostas sobre a importância do parque para a cidade foram: ambiente agradável; lugar para praticar esporte; cartão-postal da cidade; melhora o clima, deixando o ar mais úmido; contribui para a qualidade de vida; sair da rotina; lugar de eventos. Alguns entrevistados não souberam responder a esta questão.

Ainda sobre a importância do Parque Flamboyant para a cidade, um jovem respondeu:

[...] É importante ter a natureza por perto, ter a preservação da natureza, preservação de lugares como esse, que hoje em dia em grandes cidades isso está acabando [...], têm só prédio e você ter um lugar onde pode curtir a natureza livremente e gratuitamente é muito importante. (Entrevistado B, ano). (Entrevistado B, 2011).

Acho que isso aqui é um cartão-postal de Goiânia, porque isso aqui atrai várias pessoas de várias idades, classe não importa, acho que aqui é um ponto de referência, porque isso aqui é muito importante para a sociedade e para todos nós". (Entrevistado C, 2011).

"Foi uma ideia muito boa, Goiânia precisa muito de coisas de lazer, porque Goiânia não tinha, agora tem essa visão de parque. Tem esse, tem o Cascavel e tem outros projetos que eu estou sabendo (Entrevistado D, 2011).

Se tivesse lá em Aparecida eu não precisava deslocar essa distância. Como não tem, acho aqui mais tranquilo. Eu prefiro vir para cá. E eu acho que deveria ter mais [...] (Entrevistado E, 2011).

Perguntado à população se os parques contribuem para a qualidade de vida da população, a maioria respondeu que sim, porque é um lugar de paz, de despreocupação, da diminuição do *stress*, um lugar para praticar atividades físicas, um lugar de sociabilidade, um lugar que contribui para deixar a cidade mais limpa. Outras respostas foram que os parques contribuem para os seguintes aspectos relacionados à qualidade de vida: divertir, descansar, estar ao ar livre em um ambiente agradável, respirar ar puro, estudar, ter contato com a natureza e contato social.

Sobre o conhecimento dos entrevistados acerca de outros parques da cidade, 92% afirmaram conhecer outros parques. Os mais citados foram: Vaca Brava (70,8%),

Bosque dos Buritis (33,3%), Parque Areião (29,2%), Lago das Rosas (27,1%), Parque Cascavel (18,8%), Parque Botafogo (12,5%), outros parques (8,4%).

Este conhecimento dos outros parques revela o aspecto fragmentado da cidade, posto que a maioria dos indivíduos desfruta e conhece apenas uma pequena região da cidade, e não a cidade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Parque Flamboyant, objeto de especulação imobiliária, torna-se mercadoria na medida em que é vendido para aqueles que têm condições de pagar mais por uma vista melhor e pela promessa da qualidade de vida. O resultado disso é a formação de uma vizinhança composta por membros das classes A e B, usuários frequentes do Parque. Para essas pessoas as atividades como passear com o cão de estimação, praticar caminhada no meio da semana, enviar a babá para passear com os filhos no parque infantil tornam-se algo rotineiro. Com base no pressuposto de que a forma revela conteúdos, uma análise cuidadosa da paisagem e sua relação com as representações dos sujeitos dará uma compreensão mais ampla sobre as ideologias e contradições presentes na cidade. A forma urbana condiciona os processos sociais que se manifestam em uma forma. Há uma estreita relação entre ideologias e forma espacial.

A forma como um parque se apresenta pode revelar ideologias e processos que influenciam e são influenciados por esta forma. Exemplo: por que alguns parques têm segurança e outros não têm? O que justifica isso? O Parque Flamboyant possui uma boa infraestrutura, se comparado com parques localizados em bairros periféricos, tais como o Sabiá e o Carmo Bernardes, por exemplo. Não teria o fato de este parque receber mais investimentos e cuidado por parte do poder público em função dos interesses dos agentes do mercado imobiliário e com o público ao qual o parque é destinado?

Constatou-se na pesquisa de campo que a distância, o tipo e o tempo de transporte são determinantes para o acesso da população ao parque. Os frequentadores, aqueles que se apropriam de fato do parque, são aqueles que moram próximo, ou que possuem meios de transporte individual capazes de proporcionar um rápido acesso ao local. Dessa forma, o parque passa a ser apropriado por parcela da população, ao passo que a maior parte deve se contentar com a falta de parques, ou com o acesso a parques pouco estruturados.

Apesar da segregação na apropriação do Parque Flamboyant, não se pode negar o seu impacto positivo na melhoria da qualidade de vida dos frequentadores e como

uma alternativa a mais de lazer para os visitantes. Como relatado nas entrevistas, e confirmado nas observações, o parque passou a ser lugar de descanso, divertimento e desenvolvimento de pessoas. Além disso, este espaço contribui para o aumento da sociabilidade e do contato de seus usuários com o meio ambiente.

Os diferentes usos que os entrevistados fazem do parque não podem ser vistos apenas como opção pessoal, mas sim como resultante das relações entre o processo social e as formas espaciais. Desse modo, podemos supor um uso programado desse espaço. Assim, o trabalhador que no final de semana vai ao parque em busca de descanso e tranquilidade encontra no parque um amplo espaço gramado, com bancos, estares contemplativos, belvedere com pergolados, e mirante, planejados para a utilização daqueles que querem contemplar a natureza, sentar com amigos, namorada e/ou família, em um ambiente silencioso. Outro exemplo é o do ciclista, do skatista e/ou patinador que vai ao parque, pois este oferece pista destinada à prática de tais atividades. A definição de zonas de uso, os equipamentos existentes, as placas educativas e normativas, além da presença da guarda municipal, condicionam o comportamento dos usuários, ao se reforçar a ideia do certo e do errado, do permitido e do não permitido. O uso do espaço passa a ser programado, uma vez que os comportamentos podem ser direcionados, previstos e monitorados.

Mas nem todos os comportamentos podem ser considerados programados. Em observação em campo foram identificadas atividades que transgridem ao programado, concordando com a chamada “invenção do cotidiano”, abordada por De Certeau (2007). Atitudes como acessar áreas restritas, andar de bicicleta em cima da grama, caminhar na pista de ciclismo, depredar o patrimônio público, praticar pescaria no lago são exemplos de “transgressões” vistas no decorrer da pesquisa. As diversas práticas de lazer identificadas no Parque – as que seguem as regras impostas e as que não as seguem – demonstram a riqueza de significados que um espaço pode revelar.

REFERÊNCIAS

- ACHCAR, Edy Lamar W. da Silva. **Urbanização corporativa em Goiânia:** empreendimentos Louza. 2008, 136 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.
- AMMA – Agência Municipal do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.goiania.go.gov.br/shtml/amma/apresentacao.shtml>>. Acesso em: 21 maio 2010.
- ANDRADE, José Vicente de. **Lazer:** princípios, tipos e formas na vida e no trabalho. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. 13. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ENTREVISTADO A. **Entrevista A**. Entrevistador: Douglas Antônio Rocha Prado. Goiânia, 2011. 1 arquivo .mp3 (7 min.)
- ENTREVISTADO B. **Entrevista B**. Entrevistador: Douglas Antônio Rocha Prado. Goiânia, 2011. 1 arquivo .mp3 (12 min.)
- ENTREVISTADO C. **Entrevista C**. Entrevistador: Douglas Antônio Rocha Prado. Goiânia, 2011. 1 arquivo .mp3 (11 min.)
- ENTREVISTADO D. **Entrevista D**. Entrevistador: Douglas Antônio Rocha Prado. Goiânia, 2011. 1 arquivo .mp3 (13 min.)
- ENTREVISTADO E. **Entrevista E**. Entrevistador: Douglas Antônio Rocha Prado. Goiânia, 2011. 1 arquivo .mp3 (9 min.)
- GOMES, Christiane Luce. Lazer e descanso. In: SEMINÁRIO LAZER EM DEBATE, 9., São 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazer-debate/anais-christianne.pdf.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2010.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LOBODA, Carlos Roberto; DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Ambiência**, Guarapuava, PR, v. 1, n. 1, p. 125-139, jan.-jun. 2005.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer & empresa: múltiplos olhares**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- _____. **Lazer e humanização**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- _____. et al. **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana: o caso da RMC – Região Metropolitana de Campinas**. Curitiba, PR: OPUS, 2007.
- MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática da liberdade: uma proposta educativa para a juventude**. 2. ed. Goiânia: Ed. UFG, 2004.
- PERES, Maria de Lourdes Corsino; BARBOSA, Ycarim Melgaço. O imaginário na reprodução da natureza no espaço urbano: Parques Vaca Brava e Flamboyant. **Contemporânea**, v. 8, n. 1, 2010.
- ROLIM, Liz Cintra. **Educação e lazer: a aprendizagem permanente**. São Paulo: Ática, 1989.

Recebido em 03/07/2012

Aceito em 14/10/2014